

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folhas avulsas, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 282

TERÇA-FEIRA 22 DE MARÇO DE 1864

QUARTO ANNO

DECLARAÇÃO

Por motivos de interesse puramente particular, deixo desde hoje de fazer parte da redacção do «Districto de Aveiro». Fico, porém, na melhor harmonia com os cavalheiros, de quem durante dez mezes tive a honra de ser collega nas lides jornalísticas, e aos quaes me associarei novamente, logo que isso me seja possível pela conclusão dos trabalhos, que ora me obrigam a separar-me d'elles.

M. da Rocha Salgueiro.

AVEIRO

O conflicto suscitado entre o sr. ministro da justiça e o sr. bispo de Coimbra tem tomado um caracter muito serio, e não é já facil resolvelo sem desagrado ou desgosto para o governo.

A opposição, como era de esperar, tem tirado todo o partido possível do passo que irreflectidamente deu o sr. Gaspar Pereira da Silva, promovendo o sr. Montenegro no lugar de secretario da camara ecclesiastica da sobredita cidade, sem ouvir o respectivo prelado. Não deixam nunca os especuladores politicos de se aproveitarem dos desaccertos praticados por qualquer ministro para, á conta d'elles, verberarem desapiadadamente, attribuindo-lhe intengões, que não teve, e muitas vezes dando aos factos, em que baseam as suas accusações, uma importancia, que elles estão longe de merecer.

A proposito da nomeação do secretario da camara ecclesiastica de Coimbra lá appareceu a reacção accusando o nobre ministro da justiça de haver atacado as immuniidades da classe sacerdotal e invadido a esphera da egreja.

Ora nós estamos longe de pensar, a respeito da questão sujeita, como os que fazem simillantes accusações ao sr. Gaspar Pereira. O sr. ministro não atacou as immuniidades da classe clerical, nem invadiu a esphera da egreja, nomeando o sr. Montenegro para o lugar de secretario da camara ecclesiastica de Coimbra, sem proceder informação do respectivo prelado diocesano; mas somos de parecer que s. ex.ª faltou a um importante dever de delicadeza para com o sr. bispo Lemos, e que muito pensadamente deixou de consultar a respeito das qualidades do individuo que desejava despachar, porque previa que a resposta, que com toda a probabilidade lhe havia de ser dada, não podia ser favoravel ao pretendente.

O sr. ministro da justiça pode muito a seu salvo protestar que não de cumprir-se as ordens do governo, e deixar que se sigam as naturaes e inevitaveis consequências da insistencia do sr. bispo conde em não dar posse ao despachado; mas também pode ter a certeza de que com isso não justifica de forma alguma o seu procedimento; o mais que consegue é provar que o governo é tão consequente, que para não confessar que commetteu um erro e ter que o emendar, não duvida expor-se a soffrer todos os máus resultados que d'elle possam seguir-se.

Por mais que os defensores officiosos do governo se esforcem por demonstrar o contrario, há de sempre ficar evidente que o sr. ministro da justiça desconsiderou, e muito, o sr. bispo de Coimbra, e commetteu uma falta imperdoavel,

despachando, sem o ouvir, um individuo que havia de ser seu subordinado, e, mais que subordinado, empregado de confiança.

E que o escriptivo de qualquer camara ecclesiastica, é empregado de confiança do prelado, com quem serve, parece-nos cousa que ninguém pode pôr em duvida; e sendo assim, como é que o sr. ministro da justiça quer impôr ao sr. bispo de Coimbra, para exercer aquelle emprego, um homem, em que s. ex.ª não confia? Porque ha de sujeitar-se a simillante sacrificio o liberal, o virtuoso sacerdote, que tantos e tão relevantes serviços ha feito á egreja e ao estado? E' por ventura assim que se galardão os cidadãos verdadeiramente benemeritos da patria?

Não venham dizer-nos que a recusa do sr. bispo conde é inteiramente infundada, e que s. ex.ª, instado para declarar a razão por que não queria dar posse ao despachado, respondera que era um caso de consciencia, como ha dias asseverou um jornal governamental; pois não é crível que um homem tão illustrado e isento de prejuizos, como é aquelle prelado, se recusasse tão tenazmente a cumprir uma ordem do governo, por motivos frivolos. E' sabido que s. ex.ª expoz ao sr. ministro da justiça algumas das razões, pelas quaes não queria servir com o sr. Montenegro; eremos porém que as mais ponderosas d'ellas não as sabe ainda o nobre ministro nem o publico.

Se a recusa do sr. bispo de Coimbra fosse unicamente motivada pela desconsideração havida para com s. ex.ª em não se lhe pedirem informações a respeito do despachado, s. ex.ª ter-se-ia sem duvida dado por satisfeito com as explicações que no principio da questão lhe deu o sr. Gaspar Pereira, a não se suppôr que o venerando prelado seja capaz de querer sustentar um capricho de creança, em negocio tão grave e serio.

Se nos fôr licito tornar conhecido o conteúdo de uma carta particular que sobre o objecto em questão foi ha tempo dirigida a um amigo nosso, que nos a mostrou muito confidencialmente, faríamos ver que o sr. bispo conde tem muitas razões, e até pessoas, para não querer ter por secretario o sr. Montenegro. Como, porém, nos prohibiram expressamente que divulgassemos pela imprensa o que a tal respeito lêmos, é forçoso que nos abstenhamos de o fazer, bem que muito a nosso pesar.

Em conclusão: se não havia lei alguma que obrigasse o sr. ministro da justiça a pedir informações ao sr. bispo de Coimbra acerca do individuo que pertencia nomear seu secretario, havia ao menos o bem entendido costume de não prescindir d'essas informações em simillantes despachos, e o sr. Gaspar Pereira não as pedindo, desconsiderou sem duvida o illustre prelado, cujas declarações, neste caso, devia attender de preferencia ás da camara e administrador do concelho.

O sr. Gaspar Pereira, para servir os padriños do sr. Montenegro, deu um passo, de que infallivelmente se ha de ter arrependido, mas que a todo o custo pertence agora sustentar.

Pode ser que o sr. ministro da justiça saia muito airoosamente da posição sobrenodo embaraçosa, em que se collocou; mas nós é que nunca deixaremos de o censurar pela leviandade com que s. ex.ª se houve no provimento do lugar de secretario da camara ecclesiastica de Coimbra; e

inteiramente vossa. Eu sou rica e vós pobre, ou pelo menos tendes necessidade de crear uma posição independente. Não sou d'estas mulheres que dizem ao homem que ama: «Vós podeis acceitar de mim.» Não sois também homem que acceite d'uma mulher outra cousa senão o seu amor.

«Ora, esta irregularidade de posição não é nada quando se é novo, e o quarto, por mais modesto que elle seja, onde se vê o homem que se ama, é o mais sumptuoso palacio, em que uma mulher pode entrar. Mas com os annos augmentam as necessidades da vida.

«Vós tendes muito talento, mas que precisa socego e tranquillidade para se desenvolver. E' preciso que não sejas forçado a produzir depressa, se quereis produzir bem. Quero que vos faças conhecido. Quero ter orgulho de vós na solidão da minha vida, e quero que deves tudo a meios honrosos.

«Tendes uma familia, á qual deveis muito em troca dos sacrificios que ella fez por vós.

«Emfim, meu amigo, um dia admirar-vos-íeis da mudança das vossas ideias, e a vós mesmo perguntaríeis d'onde vos vinha uma necessidade completamente nova, que eu não podia satisfazer, affeições legítimas, repouso domestico e trabalho independente. Então ambos soffreríamos da minha insufficiencia para euchar o vacuo de vossa alma,

muito sentiremos que em resultado d'isso tenhamos de acabar por ver depôr o baculo a um prelado, em que todos reconhecem qualidades, que infelizmente não são hoje muito vulgares nos principes da egreja.

A reforma da camara hereditaria é uma necessidade tão geralmente reconhecida, que nos parece indispensavel que o actual governo cuide seriamente e sem demora de a levar a effeito, de modo que aquella entidade politica possa servir de alguma utilidade ao paiz. Como se acha organizada, a camara dos pares difficulta, em vez de conjuvar, o regular andamento dos negocios publicos, e desce cada vez mais no conceito publico.

Sendo, como é, o nosso actual estado de civilização mui diverso d'aquelle, em que nos achavamos, quando adoptámos o regimen constitucional, é mister harmonisar com elle todas as instituições, que tiverem a sua razão de ser em circumstancias, que hoje não existem.

Bem avisado andou por certo o legislador, quando, ha trinta annos, chamou a fazer parte do poder legislativo uma pleiade de homens, que respeitáveis por suas qualidades pessoais, serviços e nascimento, e autorizados pela experiencia, que só se adquire com o volver dos annos, podessem oppor-se ás demasias, a que porventura fosse levada a camara electiva pelo desejo immoderado de progredir e reformar.

Ná infancia do systema representativo, não só era perigoso deixar de coartar de algum modo os excessos de enthusiasmo produzido pelo brilho esplendoroso da liberdade nascente, mas convinha mesmo transigir até certo ponto com os privilegios e regalias, a que estava acostumada a nobreza de sangue. Creou-se, pois, uma camara de pares, vitalicios, hereditarios, nomeados pelo rei, e sem numero fixo.

Mas uma camara assim organizada, se era conveniente no principio da nossa vida constitucional, não conven por forma alguma na epocha, em que estamos.

Pode sustentar-se, com boas razões que o patrio deve ser vitalicio; mas a sua hereditariedade é que nos parece de todo o ponto insustentavel.

Pode um nobre legar a seu filho um nome glorioso e a memoria dos grandes e valiosos serviços que prestou á patria; mas como transmitir-lhe as qualidades pessoais e os talentos, que lhe grangearam a honra de fazer parte da camara aristocratica?

A lei que estabelece as condições da hereditariedade do patrio, todos sabem que facilmente se illude, e alem de outros inconvenientes tem o de tornar aquella dignidade accessivel a individuos, que não chegaram ainda á idade, antes da qual raras vezes se possui a madureza necessaria para bem exercer as transcendentes funções que lhe são inherentes; e sem ella, nem se quer sabemos como possa justificar-se a existencia de uma segunda camara.

E' mister estabelecer um senado electivo. O monarcha nada perderá com esta modificação, porque tem á sua disposição muitos outros meios de remunerar os serviços e exaltar o merito, e o paiz lucrará muito, porque raras vezes o voto popular deixará de escolher, para membros da camara dos

Deus sabe o que aconteceria! censuras da vossa parte, e pezares da minha.

«A mulher que ama, não raciocina assim, e me direis vós. Pelo contrario, meu amigo, é assim que raciocina a mulher quando o seu amor não é o egoismo, quando não ama por si só. Deus poz em nós, creaturas fracas, uma força invencivel d'abnegação, e uma necessidade insaciavel de dedicação. Todas temos o nosso calvario. Não ha uma só de nós que não tenha visto crucificar uma das suas affeições mais queridas, ou um de seus mais doces sonhos.

«Eis aqui o que eu me dizia muitas vezes pensando em vós: eis aqui o que me causava essas horas tão tristes, de que me perguntáveis a razão, sem que eu podesse dal-a. Foi no meio d'estas agitações que chegou a carta de vosso pae. Vós também vos tornastes pensativo e inquieto durante alguns dias, como acontece ao homem que vê surgir a realidade no meio das suas illusões. Notei a vossa tristeza como vós notastes a minha; uma sombra não podia passar por um amor como o nosso sem que elle a reflectisse no mesmo instante. Vós não quizestes dizer-me a verdade, era muito natural, e eu, enganando-me com a vossa meditação, como vós vos enganastes sem duvida com a minha, principiei a acreditar que não me amáveis já; fui ciosa e fiz uma cousa desculpavel sómente a respeito da mulher que ama: violei o se-

proceres, pessoas, que não sejam a todos os respeitos dignas de ali se assentarem.

D'este modo deixaremos de ver tomar parte na confecção das nossas leis e na gorenca dos negocios publicos muitos insignificantes, em quem ninguém descobre outros merecimentos além do de descenderem de illustres avós; ficarão os governos privados de recorrerem ao expediente das fornadas, quando o julgarem necessario para os seus fins, e é possível que venhamos um dia a ter uma camara alta, a que o paiz possa tributar sincero respeito.

Chamamos para este assumpto a attenção do governo.

A pedido copiamos do «Purgatorio» o seguinte:

«Outra vez os abusos das missões

A missão mal asada, como ella por ali perneia, é o nome, é a paixão, é o enthusiasmo, é a idolatria d'um partido politico, que já não tem mais a que bote a mão.

Eu sempre tive por costume não entrar em discussões sobre accusações contra mim, dirigidas por inimigos declarados, e em caso de despreso, e sinto especial desgosto de fazel o; mas as arguições procedem d'um jornalismo, que deseja mudar a forma governativa n'este paiz, o que não pode ser sem a infestação de guerrillagem, e sem perda de vidas, honra e fazenda.

Mais por esta consideração de evitar males, do que por desgosto meu, resolvi, mas uma vez responder á imprensa realista, que me não deixa. Peço indulgencia a todos os partidos; e declaro, que não é minha tenção concitar ou provocar odios, entre a familia portugueza.

Desejava eu — e era tempo! — que já não houvesse disparidade de culto entre ismaelitas e israelitas!!!

Com este preliminar, vou profundar mais os abusos das missões, em que tenho fallado, já que a imprensa realista me leva a não perder de vista estas miserias humanas.

Esta imprensa a que respondo, não é inspirada pelos sentimentos da religião, da justiça e do bem publico, como inculca; mas impellida pelo intuito de fazer cair a egreja e o catholicismo liberal, que o Senhor D. Pedro IV, de saudosa e nunca esquecida memoria, hasteou nas praias do Mindello em 1832. Esta imprensa herdeira — ab intestato — da imprensa do conde de Basto, herdeira da doutrina do Alvaro Buella, abade de Rebordosa; do arcebispo d'Evora, e reviramento do padre José Agostinho, é ainda adoradora das fogueiras da inquisição, das forcas da Praça Nova, e do caso do Sodré; do bombardeamento da cidade do Porto; das sacas de cal, com que eram mimoseados os presos politicos do Limoeiro, da Relação do Porto, d'Almeida etc., etc. E' adoradora dos juramentos falsos para exercer a metamorfose de fazer malhados, e de os levar á prisão, ao homizio, ao degredo, á forca, para lhes comer os bens, e beber o sangue. E a este serviço, então, como agora, chama serviço de Deus e da Santa Religião! A este serviço do diabo chama a «Defeza do Christianismo» o sustentaculo da religião!!!

greto dos vossos papeis, e achei a carta de vosso pae, aquella em que dizia, que vos fosseis reunir a elle, em Marselha, e que me fallava de um casamento projectado para vós; casamento que devia fazer a vossa felicidade e a da vossa familia, assegurar o vosso futuro, e dar-vos emfim tudo o que não poderíeis achar em mim. A vossa recusa, seria o despreso de vosso pae, e a ruina do vosso futuro. Vejamos, uma vez iniciada, que devia eu fazer? O que fiz: mostrar-vos toda a verdade que apenas tinheis entrevisto, augmentar a vossa com a minha coragem, e amar-vos até vos deixar acreditar que não vos amava.

«Porque logica terrivel chegastes a este resultado?» me perguntastes vós. Ah! meu Deus! pela simples logica das cousas. O sacrificio era tão necessario, que não havia senão indicalo para o tornar indispensavel. Eu disse-vos: «Meu amigo, é preciso obedecer a vosso pae; é preciso ter uma familia, ama mulher que vos ame, tendo o direito de vos amar, e que vós amareis um dia, pois, por mais que digam, o coração não ama senão uma vez.»

«Eu prometti continuar a ser vossa amiga, se me obedecesseis. Amecei-vos de partir, se não partisseis. Chorrastes muito tempo juntos, mas parece que eu tiha razão, porque partisteis.

(Continua.)

E não larga este astro! — Passam os trinta annos: veio o progresso intellectual, e com elle o progresso material; foi elevada a grande utilidade a electricidade; operou-se esta grande revolução no mundo moral; mas o systema da impo- satura não desanda, está no mesmo pé. Isto é repi- sar; mas a imprensa realista tem-se desorientado; é preciso trazer a nos principios, e polear, não lhe consentindo avellórios a substituir rasões.

Eu proclamo a egualdade de todos os cida- dãos perante a lei, sem distincção de classe, nem de creença politica; proclamo a emancipação legal da raça humana.

Sacrificio diariamente sobre o altar da pa- tria e da religião. Não é, pois, objecto d'ambição, ou d'outra qualquer paixão: — é só a dedicação pela patria e pela religião, catholica apostolica romana, quem me traz, frequentes vezes, á im- pressa, a denunciar males, artimanhas, e baco- rejamentos d'um partido politico, da cor da in- quisição, tirado da monarchia das forcas, das masmorras, dos homizos, dos degredos, dos confis- cos, e quasi que arbitrario apouamento dos bens dos malhados: sempre acobertado, já se sa- be, com a religião do Calvario. Com Deus na bo- ca e o diabo no coração.

A victoria sobre este partido, sobre esta fac- ção sanguinaria, cantamol a nós. Ondas de san- gue portuguez, que ella nos custou! Triunpho tão desejado, e já tão caramente comprado, que a justiça divina, que é a justiça da nossa causa; porque Deus estabeleceu a liberdade; o systema do despotismo e da escravidão, é dos homens, como é d'elles o vicio e o crime — quer a Justiça Divina — repito, que a importância do seu go- v; quer a santidade da causa da religião, que sem- pre estejamos de observação, para os vencidos não virem sorratoiros e maldosos, e cheios de in- veja, tolher a paz que gosamos, e, com novos desaguizados, minar a religião christã, em que felizmente vivemos.

E para que não succeda a paz do estado abalar-se, e a religião do estado estremecer-se; (digo estremecer-se), porque nunca o erro terá assenso sobre ella) é que o verdadeiro portuguez, o verdadeiro e sincero christão, deve levantar a sua voz, do modo que pode, contra os abusos d'essa propaganda de Remecidos, e Millindres, que, com a rompeta proficiente de *missionarios* sobem ao sagrado pulpito, para vender santos, rosarios e bentinhos; caçar dinheiro e fazer politica!

E' profanar a casa de Deus; é tentar a sua infinita mansidão! E' esta profanação da casa de Deus, que ainda não foi castigada com cordas as- peras, duras, devagar sim, mas caminha direi- tinha no obscuroantismo do tempo passado.

E bem peza a essa facção a marcha vagaro- sa e o caminho tortuoso; mas despeitada das guer- rillas e do scisma de 1837 a 1842 não acha cam- minho mais curto para chegar ao esiderato!

A imprensa do «Bem Publico» confundiu quanto pôde, e lançou um véo sobre o relatório, que eu tenho feito dos abusos da missão, que anda por estes sitios, a ver se pode dar uma apparencia plausivel a esses abusos. A linguagem de que se serviu, não apoia, compromette a missão. Assim succede a toda a discussão, que não é cortez! A continencia da palavra deve sotopôr-se á licença, que descredita o escriptor e perde a causa que sustenta e defende.

Quem não sabe escrever sem injuriar, sem apodos e sem allusões vergonhosas, não evange- lisa, não morigera, não se engrandece; ao contra- rio, desprestigia-se. E' d'outras épocas o idolo da maledicencia. Um boçal de sisudez, de cortezia, de tolerancia e boa educação fica bem ao «Bem Publico». A demasia de escrever fica mal a todos, e a todos os respeitos.

Porém o «Bem Publico» usa, por necessida- de, a linguagem dos excessos para elevar a in- juria á altura de dogma, afim de ser ella a sua unica razão de ser.

Mas... recurso infeliz e improcedente! deixou tudo peor do que estava! E não podia deixar de acontecer assim; porque os factos por mim enun- ciados, dão luz para si; attestam e convencem, com força propria e irresistivel, e levam-nos á persuasão de que ha casos que não tem defeza. Melhor andará a imprensa do «Bem Publico» se, em lugar de vir invectivar-me, marcar o passo aos seus missionarios e lhes lembrar o que nem a tanto ao mar que se descubra pela bussola a direcção do navio. Que separem de si a tenda, pois que os apóstolos não traziam tenda, nem rosarios, nem bentinhos. Que preguem de dia, como os apóstolos; porque as noutes Deus fel- as e temeu-as.

Que não cortem os cabellos ás mulheres; porque Jesus Christo nem os mandou cortar á Magdalena, antes se regalou d'ella lhe limpar os pés com elles. Que preguem a devoção aos santos, e o esplendor das confrarias, em que as nossas terras abundam, e que muito importa «desistir do empenho de crear a confraria do Coração de Maria; porque esta instancia revela interesse demasiado e perde o proveito da mis- são; e mais tarde transforna o fim, porque é «pabulo para quem quer antever, por todos os lados, as missões d'esta época. E os meios em- pregados para este officio são demasiado gros- seiros, em tempos que ha imprensa livre, a liberdade de escrever. Que se façam mais «espertos e cautelosos no serio do pulpito. E finalmente, que se cubram de modo que se não suspeite «luxuria, avareza e politica.» Aliás tambem nos falha este recurso tão bom, como falharam outros de muita esperança.

Antes as pennas do «Bem Publico» assim andassem, que então não havia assumpto para eu escrever agora, e empregaria melhor o tempo;

soquer mais livre do frio, que me regela e entor- peço, e me leya a desconfiar que a terra que habi- to fosse impellida para baixo do polo arctico da zona glacial.

Mas qual historia! As pennas do «Bem Pub- lico» e da sua parcialidade só se empregam em assassinar a minha reputação moral. Porém deixem-me ser propheta. O tempo ha de fazer-lhes conhecer o engano, e então se arrependem da injustiça com que se occupam de mim; e a confissão penitente os absolverá da culpa.

Eu sei que é permitido a todos dizer o que pensam, e fazer o que lhes apraz. Não me agas- to, como dizeis, pelos outros verem as cousas por prisma diverso do meu; o que seria tyrannia, que importa o «erê ou morre» dos barbaros, que a civilização obliterou.

Não estranho, por tanto, que a imprensa do conde de Basto, defenda a sua facção; nem per- seruto as consciencias d'essa boa gente, da redac- ção do jornal, que se diz serio, religioso, pru- dente, e sabio: mas a sua gravidade, a sua reli- gião, e a sua sabedoria negativas, muito bem a revella a sua obcecção em deturpar uma repu- tação qualquer; e em pretender defender o que de sua natureza é indefensavel. Não estranho, repito; porque essa redacção é de homens; e que se topa no interior do homem, se não a ignoran- cia, e o erro?

Dar aos homens sabios da imprensa de que se tracta, a «inerrancia» era acção lisonjeira, e de muito prazer para elles, porem indecorosa para mim; por não ser filha da sinceridade, que deve regular os actos d'um christão que deseja aproximar-se da lei de Deus. E porque tendia a desnaturar-os, ou degradar-os da especie humana, que se compõem de infinito numero de tolos, a cujo infinito eu não escapou, como já disse, e suas senhorias riram-se!

Está visto: respeito as convicções, ou argu- mentações contrarias; mas lamento, ao mesmo tempo, essas argumentações, que produzem um grande erro; erro que ha de vir a ser fatal á religião e ao paiz.

E' este grande erro, é esta grande fatalida- de — coonestar, e justificar os abusos da missão, que por ali anda.

Cada vez me convengo mais da idea que fôrmo da missão e da imprensa realista: — é um corrilho de despeitados, que dilata o seu espirito, e só olha para a terra: é um corrilho de despei- tados politicos, inimigo da actual dynastia, que se deslembra do bem geral, e sacrificia, em holo- causto á sua paixão, o honesto, e o justo, para ver se chega ao seu sangrento fim. Só nunca se esquece de chamar nomes injuriosos aos que não são da seita: só nunca esquece d'inculcar-se valo- roso defensor da religião christã!

Passa-me pelo sentido, chego mesmo a des- confiar, que seja este corrilho facciosissimo esse protestantismo em que se falla, e contra o qual os exm.ºs prelados nos mandam pôr de «preca- te.»

Eu não vejo, em volta de mim, outra novi- dade: — e os senhores bispos só fallam de protes- tantes; e do seu cuidado de deschristianisar: man- dam que nos acatelemos; e mas não os apontam com o dedo. Mas me leva a esta desconfiança o espirito privado com que esse corrilho interpreta a sagrada Biblia, comparando estes lazarus d'al- ma, estas lendas pegonhentas, e varejosas, estas verrugas da sociedade, estes tortulhos das estru- meiras, a que errada, e quasi sacrilegamente dão o pomposo, e respeitavel nome de «missionarios» — com os santos apóstolos, e prophetas da reli- gião christã. («Bem Publico», n.º 39). A adop- ção d'opinões contrarias ao espirito, e doutrina da igreja; e mesmo contrarias ao senso commun. («Bem Publico» n.ºs 28, 29 e 30). Se isto não é deschristianisar, não sei eu, que nome honesto possa dar-lhe! O que sei é, que, aonde ha principios estabelecidos, a vontade pessoal é crime.

Sejam, ou não sejam protestantes. — Já é vontade de batallar: já é tolerancia absoluta, guindada acima da licença escandalosa, quebrar lanças para sustentar, que os missionarios devem instar com o sexo feminino, que se tosqie, para salvar-se. Quando isto é só para devisar; para sig- nalar. E chega a ser vaidade do prégador e da mul- her!

Sustentar: — (clama o Céu e a terra, atroado com esta blasphemia, publicada em o n.º 29, do jornal o «Bem Publico!») Sustentar, digo, que deve haver, na igreja, um sermão privativo para os homens: — pois se não deve prégar ás mul- heres com a mesma liberdade, que aos homens!... Ha de parecer, que este paradoxo é filho legiti- mo da imprensa do Conde de Basto! Ha de pa- recer, que este paradoxo é uma reforma protes- tante, uma lutherada opposta ás praticas da nos- sa santa religião, e ao Evangelho, que é um só, para homens e para mulheres. E é o Evangelho a doutrina do pulpito!!!

Enfastia, contrista e amargura, que d'uma imprensa que se diz «catholica» se façam ouvir tantas heresias e blasphemias!

E' assim: — quando a vontade pessoal preva- lece nos conselhos da republica, e nos fundamen- tos da religião, e da boa moral, a liberdade é substituida pelo despotismo, a religião, pela refor- ma protestante, e a boa moral, pela licença. A lei empalidece, porque o arbitrio pôde mais que ella!

Senhores d'essa imprensa anachronica e anoma- la, vós sóis polemistas corajosos: — eu cheguei a convencer-me d'isso: — e quasi me fascinavam as praticas do vosso culto, em algumas das ques- tões vitais da nação. Mas os vossos hymnos; o vosso jubilo pelos missionarios, as corças que entreteceis, para collocar as suas effigies no

pautheon dos homens illustres, o vosso empenho e deavelo pela defeza dos seus erros, pela sanidade e justificação dos seus abusos, que a imprensa da liberdade tem annunciado, sem outro fim mais do que vel-os escoados, da sociedade e da nossa religião, — é material bruto — em demasia, para basear a credibilidade de reputação sincera que inculcaes.

E' que a razão pode mais que a penna, en- nobrecida nas pugnas da intelligencia!

E' que a vossa penna corra livremente; mas dentro das raias da razão e da area da religião: — aliás escreveis, com a vossa propria mão, a vossa propria condemnação!

Podera eu abster-me de escrever, sobre este assumpto, que então não repetia o erro em que vós caistes, pretendendo sustentar, que um sermão dos missionarios, annunciado antes, e prégado só nos homens, com exclusão das mulheres, é dou- trina corrente, pura e sã. E que o pallião do pulpito, que, de vez em quando, provoca a gar- galhada, tem um passe, em quanto não ha escola d'estilo, e de oratoria. O ridiculo, senhores, e a baixa comedia, sempre agradou aos insolentes!!!

Tem um passo o empenho soffrego de crear uma confraria nova, dedicada ao Santissimo Cora- ção de Maria; arranjar logo commissões de homens e mulheres; de moços e moças, para haver rivali- dades; e espalhar os pela freguezia — a sacar es- mollas para o Coração de Maria: — que ninguém diga que não tem que trazer; — ou seja ca- sado ou solteiro; creado de servir ou filho-famí- lias.

Trazei milho, trazei trigo, trazei sentio, trazei roupa. E vós, mulheres, trazei o ouro... olhae, que os vossos adornos d'ouro, só servem para vos levar para o inferno. E nada demoraveis, se soubeseis, o que diz do vosso ouro um santo propheta, etc., etc.

Com estas repetições acodia e acode ao altar tudo, que o missionario reclama do pulpito. O altar está cheio de alimentos; e uma corda, amarrada d'um lado ao outro do altar, está cheia de lenços usados, colletes, cintas, bocados de estopa, e de paño crú; saias, chapéus, gorgêtes, camizas, lenços, etc., etc. E aos domingos, em seguida á missa primeira, vendem-se estes objectos em hasta publica, ou leilão, abi dentro da igre- ja, onde elles estão. — Este producto, junto com o outro, tirado pelas portas, bota-se em uma caix- a; e a missão tem a chave d'ella; e vem estu- nhal-a uma vez cada anno. Note-se que estes objectos da adella são fonte perene de riqueza: porque um só objecto chega a ser vendido por muitas vezes, por preço fabuloso; e fica o prego e o traste na corda.

Procede-se a um recenseamento para irman- dades. E n'estas irmandades todos tem entrada; porque ha entradas de vintem, de dez réis, de tostão, etc., etc., até meia moeda. Este producto das entradas vae para a caixa.

Ha uma tenda de rosarios, bentinhos, esca- pularios, livrinhos, imagens e crucifixos, que anda com a missão: e armam-se barracas no adro, ou junto ao adro, essas trinta dias que a missão se prolonga em cada freguezia. — O prégador é o que regula a extracção. Lá do pulpito man- da que se preparem com as insignias proprias de cada irmandade; que tal dia é a benção. — Porém, que notem, que não benze imagens velhas nem rosarios velhos; e que dos novos perderam a vir- tude os que quebraram o cordel. — E tambem notem, que um rosario só não serve senão para a resa d'uma irmandade. A Senhora das Dóres, tem rosario proprio; e assim a Senhora do Car- mo; a Senhora do Rosario; o Coração de Maria etc.

E lá vae o missionario no pulpito dirigindo a benção dizendo: — Vou dar a benção da Se- nhora das Dóres: levantem ao ar — nos dedos — os rosarios, e bentinhos, que lhe pertencem. — E' dito e feito! A esta voz, o auditorio levanta, a um tempo, o braço direito com os bentinhos e rosarios pendurados nos dedos: e o padre canta lá do pulpito a benção da Senhora das Dóres. — E por este modo se fazem as outras benções.

O padre dança no pulpito — arremedando as danças das cachopas d'aldeia. —

O padre arremeda no pulpito o pae, que, nas esfolhadas, se ri, e galhofeia, quando a filha é abraçada por quem achou uma espiga verme- lha.

E depois da gargalhada — ah ah ah — ex- plica o que é uma espiga vermelha; em cuja ex- plicação é o missionario muito divertido; rela- tando a cor das espigas, umas brancas, outras pardas, outras pretas, outras malhadas, outras amarellas; mas que tudo eram espigas, que ne- nhuma merecia o foro de um abraço.

Apparecem nas confissões erros gravissimos! Porém eu não quero dessegredar a immoralidade, que aqui se nota; mas não é a salvação das almas, como no mais, que os dirige: — é arranjar di- nheiro para a missão: quero dizer para o Cora- ção de Maria.

Apparecem conversões de encomenda — Magdalenas tornadas umas santas — pela vehe- mencia, e efficacia da doutrina, extaticas no au- ditorio. — Porém — mau grado da missão! — em algumas freguezias tem-se malogrado o plano; e fica a bocca secca do missionario, quando falla ás Magdalenas, e nenhuma se levanta a dizer; como se pactuara: «*ecce, adum!*» Eis aqui uma d'essas grandes escandalosas. —

E se ouvissem como é assucarado, melifluo, e adocicado o prégador, em palestra com uma mocinha de vinte annos? — Oh! Juliazinha! Já cortas-te o teu cabellino?! Tu és um anjinho do céo: tu não tens peccado — nem venial!!!

E estas, e semelhantes jaculatorias banaes,

chocarreiras, bufonarias, e ridiculas; só proprias de um bobo que lisonjea para lhe darem de comer, em muita parte chegam a chocar, e ferir os corações — ainda não requestados — de inno- centes donzellas, que ao som d'estas serças falsas se illudiram: abandonaram os paes, e seguiram os missionarios — sabe Deus para onde! Eu não sei d'ellas! E os paes calam se por vergonha, mas com a consciencia tisnada pelo sentimento da emplicidade que tiveram, na perda de suas filhas. E forçados a confiar na impostura, são tambem forçados a esperar — o que acham duro para cre- se, — «algun bem da prostituição da prostituição das suas filhas.

Tambem é abuso a communhão diaria — a mulheres, que não dão outro signal de a merecer, senão o corte dos cabellos; que, no entender da boa gente, é prova em contrario, é rebate falso, distinctivo, ou distincção de soberbia; que a hu- mildade d'um Deus humanado — bane da sua mesa. E' uma infracção das praticas da igreja catholica, apostolica romana, sancionada no livro 1.º — const. 6.ª — tit. 5.º — do Conc. Deoc. de 1687.

E este abuso authorisado pela missão apos- tolica, já é. Mas a communhão diaria, sem confissão?!!! não é para mim dar o nome a este aborto. Dae-lho vós que tendes mianga larga, para christianisar monstros; e a vangloria de que Deus e a natureza anda á vossa guisa: onde vós pondeis o fito, ahí põe Deus a virtude. — Tudo, que fazeis na terra, Deus o approva no céo! Loucura, e soberba vaidosa! Como que Deus precisára de vós!!

E' assim. A confissão já não é de preceito divino; quando o corrilho — politico — religioso precisa, para fins mundanos, reformalo; pela laxidão, e largueza! Pouco mais ávante; e não ha dogma; e não ha nada estavel — na religião, e na igreja. — São bens, que a missão nos traz!! Ditosa missão! Ditosa quem a protege! — E di- tosa ironia!

— Eu peccadora me confesso a Deus: — o meu confessor está longe. Manda-me commungar todos os dias!

— Não é pequena larga! E' duro: é aspe- reza religiosa, que eu tenha de ajoelhar diante de um homem e contar-lhe os segredos da minha vida! E' dura esta disposição religiosa! — Mas cortae os cabellos, cachopas; cantae, e ide ouvir missa de copas ao ar, que os missionarios tiram-vos essa agura; esse peso. Commungaes sempre; e só vos confessaes a Deus!!!

Já em 1836, 37, 38, 39, 40, 41 e 42 era d'esta seita a mesma doutrina!!!

Ensinava a seita, que morressem sem sacra- mentos, que morressem sem confissão!!!

— Eu peccador me confesso a Deus!!!

Outro abuso. Ha igrejas, onde está a missão, que durante esse tempo, não se fecham de noite as portas. — As noites do inverno são grandes, e as missões quorem sempre, de preferencia, as noites grandes!

E essas noites são passadas em folguedos continuados na igreja; e pelos caminhos, que levam á igreja.

Os velhos — coitados! — estão em casa! E' a mocidade, que já á má cara, contra os superio- res, de mistura uma com a outra, favorecida das trevas da noite — da occasião do peccado, e de tudo que estorva a salvação — quer salvar-se: quer tractar do desapego do mundo. — quer pôr sobre o altar o que está em casa. E chega a rivali- sarem-se n'este sentido. De maneira que os mis- sionarios, com o auxilio da noite, convertem primeiro o mais difficil de converter-se, a mocidade.

E' para o que a missão quer o escuro, e as trevas da noite!...

Não denuncie mais abusos, em quanto não vir estes extirpados.

Digam, que não são abusos estes serços feitos de noite! Digam, que o fim justifica os meios! Mas vejam lá o que respondem á Const. x do liv. 1.º — tit 5.º do Conc. Deoc. d'este bispado do Porto; celebrado a 18 de maio de 1687 que diz assim:

«E porque, com motivo de devoção, zelo, e piedade christã, não succedam alguns desserviços de Deus, mandamos — sob pena de excomunhão maior, ipso facto incurrenda; e de mil réis para a Sé, e meirinho, que nenhuma mulher, de qual- quer estado, qualidade, ou condicção, que seja, acompanhe o Santissimo Sacramento, antes de sair o sol, ou depois d'elle posto.» — Digam, que tambem isto não é verdade. Que é espirito de im- pugnação!

Eu prescindindo das provas, que ha, e remetto- vos as cartas dos vossos missionarios, publicadas em o n.º 30 do vosso jornal o «Bem Publico». Lá se vê a prova do serviço da noite. Lá se vê personificada a vaidade do prégador. Lá se lê o burlesco, o caricato, e o ridiculo, annunciado ja- ctanciosamente pelo proprio missionario, apedre- jado, quando prégamma na Encarnação, — onde o conheciam; e blandiciado na Hespanha; por que o não conheciam!

Ainda a esta bat'orelha de corça escapou uma verdade!

Estes missionarios em carne, — quorum Deus venter est; — estes missionarios só em nome; por que só em o nome se parecem com os de outras eras, julgam-se perfeitos; e se pedem, que não pedem, conselho, é já na intenção de o não aprovei- tar. A vaidade, a presumpção, a impostura, a hypo- crecia, a vangloria, que são defeitos na outra gente, torna-se prenda n'ellos.

O nosso povo é essencialmente credulo; con- fia demasiado. — E casa-se muito bem a sua sim- plicidade como o amor que tem pela sua religião; com a deferencia pelos seus ministros; e com a fama, que deixaram no mundo os missionarios

propriamente ditos; a fama dos missionarios, que não traziam tenda, nem alforje, que não tosquiam os cabelos das mulheres; nem erigiam contrarias, com fontes de riqueza a correr para a caixa; e elles com a chave no bolso; dos missionarios, que não explicavam o sexto mandamento, pela dialectica dos arcebispos, e o setimo de modo, que se possa inferir, que é permitido furtar para dar aos santos; dos missionarios, que explicavam os Mandamentos da lei de Deus, e as obrigações reciprocas da sociedade, as que o homem tem para com Deus, e para com a sua religião, só em relação á vida eterna, e não tinham outra divisa, outro fim; dos missionarios apostolicos; e basta.

Tem estes alchimistas do pulpito o plano estudado de procurar aldeias ricas, e pouco abastadas em habilidade; porque a pobreza e a espezteza é nefasta a especulações d'este genero.

Sabem elles que o dinheiro é um elemento de força irresistivel; vão tirando o dinheiro e dispendo as massas pelo embrutecimento do fanatismo, da hypocrisia e da religião; e mais tarde chegarão ao fim principal—a politica, com o prestante auxilio do povo fanatisado.

Tanto isto é verdade que ainda não ha tres mezes que a desempoadada, religiosa, patriótica e benemerita justiça da comarca d'Oliveira d'Aze-meis, teve de julgar, em policia correccional, uma fracção d'estes fanaticos, que, inculcados divindades e potestades do Céu, como Padre Eterno, Santissima Virgem, Maria Magdalena, Santos Prophetas etc. etc., já ameaçava pelas vozes de sangue e pelo seu proselytismo—o socego da ordem publica.

Srs. redactores do «Bem Publico», (assim se chama o jornal a que respondo agredido muito estacionadamente em os seus numeros 28, 29, e 30) acceptae esta resposta como desagravo meu, como insistencia da verdade dos abusos das missões que eu conheço. Relevae que eu não deço mais baixo, ou de a imprensa não deixa que chegue a explicação dos factos. E, se vos parecer, acredite, que não é acinte; que nada me faz ir á imprensa ralhar do abuso e defectos das missões se não o dever que tenho de ser amante da minha patria e da minha religião; e de propugnar pela felicidade commum, erguendo brado unisono contra tudo que impedir a realisação d'estes santos deveres.

Se me daes esta indulgencia, tambem haveis de crer que o «plebeismo ignobilis» em que fidei, não é o pobre de riqueza de fortuna, a cuja classe me não deshonra pertencer; é o prégador pobre de sciencia; o charlatão que emprega a Jere-miada, em vez do raciocínio; e para o qual a correccção fraterna, por vós lembrada, não tem applicação. Nem vós costumae usal-a, se não aconselhala.

A correccção fraterna não é para uma seita organizada e planeada, com estudo principio, meio e fim. Para esta, a correccção mais propria é a da imprensa, onde, com uma só linguagem se falla á seita, aos chefes da seita, e a quem pode e deve cortar-lhe os prejuizos que se autoveem ameaçar a sociedade e a religião. A quem pode e deve cortar os vãos n'estas corujas, para que não bebam mais o azeite do coração do povo; e para que não mais condensem e enlutem as trevas e a luz, a fim de viverem a seu commodo.

E' pela imprensa que se pede a abstenção; que se summam para nunca mais se verem os prejuizos que contei, que veem a levar á indiferença e á irrisão a cadeira da verdade e a palavra de Deus.

E' pela imprensa, que se pede aos srs. bispos, que esconjurem esta praga.

E' pela imprensa, que se pede ao governo de Sua Magestade, que aproveite o ensejo e oportunidade de rôtore para a religião as nossas possessões ultramarinas que, por falta de operarios evangelicos, vivem, como tribus errantes, desprotegidos de tudo que um bom governo pode proporcionar aos seus governados.

Alguns contos de réis, gastos com uma expedição de missionarios, era de conhecida vantagem para Portugal e para a egreja, e em caracter com os missionarios, se o zelo de Deus e a milicia apostolica os devora; e se suspiram por dar martyres á egreja e por derramar-se pela immensidão a annunciar o nome do Senhor, a milhões, que o desconhecem, e a manter na fé, e a consolar aquellos que já o adoram pelo conhecimento da Cruz.

Era dinheiro bem gasto: era um passo que engrandecia o ministerio que o decretava, e tornava benemeritos da patria e da religião os padres que acceptassem.

Basta de dizer: e nem tanto devia ser; por que enfada a todos, e amofina e afflige os que não são cá de dentro.

E terminarei com uma pergunta: — para que quereis os missionarios com a tenda e com os abusos?

E para não esperar pela resposta até ás kalendas gregas, respondo por vós — e para que queremos nós os missionarios sem tenda e sem abusos?

O abbade
Francisco José da Costa.

EXTERIOR

Dos jornaes do correio d'hontem extraimos o seguinte:

Paris, 14 (de tarde). — Teve lugar entre os aliados e os dinamarquezes nos arrabaldes Sundewitt uma acção importante todavia; ignora-se o resultado.

Todos os despachos de Copenhague affirmam que a Dinamarca rejeita definitivamente todas as novas propostas de accordo por meio de uma conferencia.

O governo imperial, que havia prohibido a reunião eleitoral de Dréo, distiu da prohibição, permitindo todas as reuniões eleitoraes.

Paris, 14 (de tarde). — O «Times» de hoje declara que espera que a conferencia proposta pela Inglaterra brevemente se reúna.

O «Morning Post» observa que a resposta da Dinamarca não é provavel que chegue antes da ultima semana, como está annunciada, e duvida que seja favoravel á conferencia, porque é natural que esta lhe parecerá um agravamento ao seu direito, que é desconhecido.

Sheffield, 14. — Já se tem encontrado 200 cadaveres em consequencia das inundações.

Não se diz se as fabricas estabelecidas naquelle districto do condado de York soffreram.

Paris, 14, (de tarde). — M. Syden não aceita o cargo de representante da Prussia em Madrid.

Kelding, 13. — A infantaria dinamarqueza embarcou em Arrhuns para Fredericia e Aلسen. A cavalleria retirou para Viburgo.

O general Gablentz regressou para Veile.

Vienna, 14. — A bolsa em subida pronunciada.

Affirma-se que a Dinamarca aceita o armisticio.

A «France» aprecia os boatos relativos á conferencia, e explica os esforços da Inglaterra e Russia para levar a Dinamarca a uma conferencia e suspensão de hostilidades, na base de que os exercitos se conservassem durante a conferencia de posse das posições que actualmente occupam, declarando a Prussia e a Austria que não querem attentar contra a integridade da monarchia dinamarqueza.

A Prussia e a Austria fazem esforços para resolver a confederação Germanica a aceitar a conferencia com estas bases.

Toulon, 14. — Concluíram-se na fragata «Thetis» da marinha de guerra franceza os preparativos necessarios para receber os futuros imperadores do Mexico.

Esta fragata armada com grande luxo, recebeu ordem para estar prompta a sair para Trieste, para ficar á disposição dos augustos viajantes.

Cherburgo, 14. — Todos os chefes officiaes mexicanos prisioneiros da guerra que reconheceram a nova ordem das coisas, estabelecidas na sua patria, sairão para Veracruz nos primeiros dias da semana de Paschoa, recebendo cada um d'elles uma gratificação por parte do governo francez.

Paris, 15. — Continuam as inundações em varios departamentos. Até agora as participações recebidas dos diferentes pontos não eitam desgracias pessoais; mas as perdas materiaes são de grande consideração.

O sr. Marines foi nomeado fiscal geral da audiencia imperial, em lugar do sr. Cordoin.

Toda a infantaria dinamarqueza, de guarnição em algumas cidades de Jutland, embarcou parte para Fredericia, e parte para a ilha de Aلسen.

Berlim, 15. — Antehontem, domingo, começou o bombardeamento de Duppel.

Londres, 17. — Lord Palmerston declarou ao parlamento que a Austria e a Prussia acceptaram o armisticio para ter lugar a conferencia.

A resposta official da Dinamarca era esperada com ansiedade.

Fundos turcos 53 7/8.

«mexicanos» 45 3/8.

Madrid, 18, ás 5 hora e 45 minutos da tarde.

Os austricos fizeram enormes requisições no Jutland.

Fundos em 18.

Madrid — 3 0/0 — consolidados 52/25.

Desferidos — 38/15.

Paris — 30/0 — 66/15 — 41/4 0/0 93.

Londres — consolidados 21 7/8.

Fundos portuguezes — 48 1/4.

Chama a attenção ao estrangeiro a repentina visita de rigoroso incognito do duque de Saxonia Coburgo-Gotha ao imperador Napoleão.

Dizem que por vontade propria, e com a annuencia de muitos outros soberanos allemães, levou a missão de orientar o imperador sobre a verdadeira situação da Alemanha, e de inclinar o governo francez a que reconheça o direito dos de Schleswig-Holstein para dispôr livremente da sua sorte.

A morte do rei Maximiliano da Baviera é o acontecimento de que mais se occupam as correspondencias allemães. Suscita-se a questão de saber se um tal acontecimento exercerá uma influencia seria na situação; mas nem as cartas de Francfort nem as de Munich resolvem a questão.

Na sexta feira ultima a dieta não se reuniu em consequencia do estado de saude do rei, o que deu motivo a que o representante da Baviera não recebesse as suas ultimas instruções. No sabbado porém devia reunir-se a assemblea allemã, e a votação da Baviera, formulada em nome do rei Luiz II, será um primeiro indicio das disposições ulteriores do novo soberano.

No entanto dizem as correspondencias que o rei Luiz não pôde hesitar perante a situação: ou romperá completamente com a Austria ou acabará a evolução começada por seu pae. É grande a probabilidade de que se restabeleçam as relações com a corte de Vienna. A presença do archiduque Albrecht, cunhado do novo rei, tende a

favorecer o partido austriaco, esperando-se por isso em Munich que seja retirada a proposta apoiada pelo rei Maximiliano, e que pedida a convocação dos estados do Holstein, na esperança de que estes estados se pronunciarão pelo duque de Augustenburgo.

Esta proposta é a unica que inquieta a Prussia e a Austria. As duas grandes potencias objectam que, não tendo commissarios civis no Holstein, não podem saber se a convocação da dieta está realmente nos desejos e na vontade do paiz.

Observam ellas que se a dieta aceitar a proposta austro-prussiana, que colloca o corpo de execução sob o commando em chefe do general Wrangel, e que auctorisa a Prussia e a Austria a nomearem commissarios civis para o Holstein, as duas potencias poderiam então tomar conhecimento do estado real dos espiritos neste ducado.

NOTICIARIO

Exauctoração posthuma. — Quando o bravo brigadeiro Horta era lançado á sepultura, arrancaram-lhe todo o oiro e bordados da farda á vista dos circumstantes, talvez para serem guardados ou reduzidos a dinheiro.

Foi uma perfeita exauctoração não para o valente militar, mas para os que lh'a ordenaram a consentiram. (Nacional.)

Por milagre. — O espirito mau anda da com as diligencias aos tombos. Ainda não ha muitos dias tivemos a lamentar esse lastimoso acontecimento da ponte de Viana; hoje temos relação d'outro. A diligencia da Regoa, que vinha para o Porto, ia dando occasião a igual noticia. Na descida de Quintella, o cocheiro não pode suster os cavallos por causa d'um almoceve, e esteve tudo a despenhar-se n'aquella grande altura! Vinha dentro o sr. José de Moraes Faria, sua esposa e filhos. O anjo da guarda d'aquelles innocentes estava a seu lado: aquella salvagão crê-se um milagre. (Idem.)

Tempestade conjugal. — Uma esposa desconfiada do marido que se recolhe tarde:

— Boas noites, Gertrudes (Sereno).

— Donde vem o senhor a estas horas? (Ceração).

— Minha filha, venho de casa de um amigo que está doente (Calma).

— Deveras, eim? (Nublado).

— Mulher, perguntas por tal modo... (Choviscos.)

— Com o modo de quem te aborrece, maldito! (Relampago.)

— Que tens tu, desalmada? (Ameaças de tempestade.)

— Infame, sei tudo. (Trovão.)

— Que sabes tu? (Furacão.)

— Que o senhor me esqueceu por outra indignamente. (Borrasca.)

— Quem ousou caluniar-me? (Destroços da borrasca.)

— Calumnias não são. Vou divorciar-me. (Raio.)

— Quando quizer, senhora. (Temporal secco.)

— Entregue-me o senhor o dote, e tenha saude. (Terramoto.)

— Como então, depois dos meus protestos, dos meus juramentos sagrados, inda daviadas de mim? (Muda o vento.)

— Tu já me não queres, ingrato. (Chuva.)

— Meuina, não te deixes guiar por infames invejosos da nossa felicidade. (Abranda o temporal.)

— Mas que interesse terão em affligr-me sem motivo? (Refresca o vento.)

— Eramos tão felizes ha poucos mezes! (Cessa o vento.)

— Ai, sim, que ditosos eramos. (Aparece o arco iris.)

— Eu não visitava os meus amigos. Tu não recebias as tuas conhecidas, e sobre tudo essa infernal D. Mathilde, tão... galhofeira... tão syn... antipathica... (Ultima nuvem.)

— Enganador! Como sabes donde vem o mal. Velhaquete! (Brisa fresca.)

— Queres fazer um contrato comigo, pomba? (Horizonte limpo.)

— Vejamos. Falla. (Sol radiante.)

— Não recebas, mais Mathilde e prometto-te por teus olhos divinos que oito dias não saio de casa. (Bom tempo, fixo.)

(Revolução.)

Assassinato. — No dia 11 do corrente foi assassinado ás facadas, José Teixeira, ferreiro, de Ponte de Pé, concelho de Cabeceiras de Bastos, por seu genro Manuel de Mello, tambem ferreiro, do mesmo logar, e que se evadiu depois do crime. (Braz Tisana.)

Horriavel catastrophe. — Um telegramma de Paris, datado de 13 do corrente, annuncia que no districto de Bratfeld se romperá o dique de um immenso deposito de aguas, causando uma inundação, que destruiu povoações inteiras.

Pereceram afogados centenas de aldeões.

(Idem.)

As mulheres medicos. — Não se riem da epigraphe que não ha aqui malogro, encampado á discreta credulidade dos leitores. Ha medicos mulheres, e nem são tão poucos, que se não computem aos centos. Só nos Estados Unidos, refere o «Progressivo Annual» de 1863 contavam-se nesse anno 256 d'aquellas doutoras, competentemente habilitadas. Destas 67 eram hydropatas ou hygienistas, 48 allopatas, 43 racionalistas, 11 eclecticis, 11 homoeopatas, e 2 allopatas e racionalistas. E, ainda assim, ficam fóra do rol as magnetisadoras, as videntes, mediums etc., etc.

Tres collegios tem por missão especial conferir graus ás mulheres, que se habilitam com os estudos medicos, o da Nova York, conhecido pelo nome de «Hygieo therapeutic college», a Universidade medica de Penn na Philadelphia, ensinando a homeopathia: e o novo collegio medico inglez para mulheres de Boston. (Idem.)

Agricultura. — Os podadores de vinhas acabam de adoptar um novo instrumento destinado a substituir o podão ou a foice: consiste em um pequeno serrote que se dobra para o cabo com uma navalha. E-te instrumento tem a vantagem de não maltractar a parte sã como succeda com os golpes do podão, cortando melhor com menos feridas e mais promptidão. (Idem.)

Fecundidade felina. — Lê-se no «Correio dos Estados-Unidos»:

«Um allemão residente em uma aldeia perto de La Crosse (Wisconsin) alistou-se como voluntario em 1861.

Tinha elle uma gata que estimava muito, e, quando partiu para o exercito, exigiu da mulher a promessa de que não mataria nenhum dos gatinhos que a gata desse á luz até ao seu regresso.

A mulher cumpriu fielmente o desejo de seu marido, que, regressando ultimamente ao seu lar, achou n'uma granja contigua á casa uma familia de gatos composta de trez ou quatro gerações.

Eram 149 gatos!

Que agradaveis noites devem dar á vis-nhança!»

Uma familia notavel. — Lê-se na «Epocha» de Madrid:

«Diz uma carta de Fuenteseca que n'aquella povoação falleceu uma pobre mulher do campo com 122 annos menos dois mezes de idade, deixando uma familia composta de trez filhos (o mais novo de 91 annos), vinte e sete netos, e dezoito bisnetos, e trez tataranetos, na maior parte varões e dedicados á agricultura os que tem idade sufficiente para trabalhar.

A respeitavel macrobia morreu no uso completo das suas faculdades intellectuaes, e recordava-se do marquez da Eisenada, ministro de Fernando VI, que vira em Granada, e de outros personagens do seu tempo.

Quando expirou, rodeavam o seu leito trinta e duas pessoas da sua familia.»

Uma boa peça. — O povo baixo da Polonia, e mesmo os russos tem uma tal convicção de que os francezes irão em socorro dos polacos, que um aldeão serviu-se d'esta creença para fazer medo aos moscovitas. Uma escolta de recrutas descansava em Gora, perto de Varsovia. O aldeão chegou a correr todo esbaforido e annunciou que se aproximavam sete mil francezes. As recrutas deixaram a cidade a toda a pressa, e a guarnição assustada esteve tres dias em armas.

O aldeão voltou para os insurgentes, muito satisfeito como se pode suppor, da peça que pregou á guarnição de Gora. (Diario Mercantil.)

Roubo ao som de ladainhas. — Em Roma praticou-se ultimamente um roubo acompanhado de circumstancias muito curiosas. Um sacerdote que voltava a casa de noite foi assaltado por ladrões.

Em quanto elles lhe revistavam as algibeiras, passa uma patrulha de soldados francezes. Os tratantes, receiando ser descobertos, obrigaram o pobre sacerdote a entoar as ladainhas, o que elle fez logo entretanto que os ladrões estavam de joelhos em volta d'elle respondendo muito devotamente: *Ora pro nobis*.

Os soldados francezes vendo que era um grupo de gente que levou o excesso da devoção a recitar a ladainha de noite e no meio da rua, afastaram-se sem se importarem com isto. Retirada a patrulha, os ladrões continuaram a sua operação, e deixaram o sacerdote sem um real. (Idem.)

Bom dito d'um deputado. — Certo deputado questionando com dos seus collegas, lhe dizia: Finalmente, sr. B., v. s.ª nunca abriu a bocca na camara. Engana-se, responde o outro, pois todas as vezes que v. s.ª tem fallado ainda não pude deixar de bocejar. (Conservador.)

Novo modo de saldar as dividas. — Certo individuo imaginou um meio de satisfazer uma divida assaz consideravel que tinha contrahido n'um botequim.

Disse pois o dono da casa, que já lhe não queria fiar mais cousa alguma.

— V. sabe que me acontece muitas vezes trazer á sua loja varios amigos e conhecidos que me offerecem um copinho de licór, eu accetto sempre, e d'ora em diante acceptarei ainda mais do que nunca — pedirei *marrasquino*, em lugar de *marrasquino*, dar-me-á agua pura: pagar-lhe-hão meio tostão por cada copo; e isto será tanto á conta do que lhe devo.

O dono da casa accetto a proposta, e em menos de tres mezes, achou-se embolsado de uma divida de perto de sessenta mil réis. (Idem.)

Cada qual com o seu semelhante. — Luiz XV tinha por seu guarda-roupa um homem estimavel, mas serio, e pouco disposto para gracejar.

Estando este servidor uma noite encostado a uma janella á espera que el-rei se fosse deitar, entrou Luiz XV, e n'um momento de gracejo provocado pela attitude deste individuo, assentou-lhe uma tremenda palmada: voltando-se immediatamente o eriado para o retribuir, e reconhecendo sua magestade. — *Está bom, senhor, disse elle muito arrengado, vá brincar com os seus semelhantes.* (Idem.)

Espediente. — Na proxima sexta feira não damos jornal, segundo o costume, em attenção á sanctidade do dia. Os nossos estimaveis assignantes serão convenientemente indemnizados d'esta falta.

Pedido á camara. — Pedimos á camara que mande demarcar o terreno no campo do Rocio aos carreiros que do caes conduzem carvão para a estação do caminho de ferro, para evitar que este campo seja todo cortado pelas rodas dos carros, tornando-se um verdadeiro lamaçal o que até aqui servia de logradouro a muitas pessoas que ali costumavam ir passear.

Festividades. — Festejou-se na sexta feira ultima a Virgem das Dores, na igreja das Carmelitas. O templo achava-se vistosamente adornado, sobresaindo especialmente o altar da Senhora. A funcção foi desempenhada com toda a pompa e a com maior regularidade. Orou de manhã o sr. padre Pedrosa, do Covão do Lobo, e não o sr. Torreira da Pucariça, como nos fóra anunciado. A tarde, e na occasião em que estava para subir ao pulpito o nosso amigo o sr. conego Góes, foi acommettido de um leve incommodo, por cujo motivo não ponde prégar.

No sabbado teve ainda lugar n'esta igreja a festividade do Patrocinio de S. José, que foi desempenhada com a devoção que caracteriza as piedosas monjas carmelitas.

Funcção de Ramos. — Celebrou-se hontem na igreja de Nossa Senhora da Gloria a funcção da benção dos Ramos.

Na igreja parochial da Vera Cruz não houve este anno esta funcção, como era costume dos demais annos.

N'estas igrejas e nas dos conventos principiam amanhã os officios divinos de Semana Santa.

Sagrado viatico. — Saíe amanhã com a decencia do costume nas duas freguezias o sagrado viatico aos enfermos e encarcerados nas cadeas da cidade.

Relatorios. — Recebemos e agradecemos os relatorios do ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, apresentados á camara dos srs. deputados nas sessões de 13 e 23 de janeiro ultimo, pelo ex.^{mo} sr. José da Silva Mendes Leal.

Feira de S. José. — No dia 19 teve lugar n'esta cidade a feira de S. José, que esteve menos que regularmente concorrida, em consequencia do mau tempo que fez.

A madeira de pinho vendeu-se por preços razoaveis, e teve regular saída; mas o canal foi pouco procurado, vendendo-se para o fim por metade do preço, por que a principio corréra.

Foi vinho. — Antes de hontem, por volta da meia noite, vinha descendo a rua Larga o sr. João José Pereira, d'esta cidade, quando o abordaram dois encapotados, ou antes engaboados, que o intimaram para que fosse pagar-lhes o vinho. O sr. Pereira despresou a intimação, em consequencia do que foi mimoseado com alguns murros por um dos meliantes.

Desembarçado d'elles, o sr. Pereira foi chamar uns cabos de policia, que o acompanharam a casa de certo individuo que elle dizia ser um dos aggressores, acercantando que lhe haviam roubado 9\$240 réis. O homem estava dormindo, parece que desde as 9 horas, e desesperado por o terem estornotado para o accusarem de um crime, de que nunca fóra infamado, esteve a ponto de repellar a páu os cabos de policia e queixoso e tudo.

Este facto fez hontem por ahí grande barulho. Não faltou quem acreditasse que o sr. Pereira fora effectivamente roubado, e todos tractavam de se precaver contra similliantes ataques. Averiguado, porém, o caso, soube-se que effectivamente não houvera roubo. Ao cimo da rua Larga ha uma taberna; os homens naturalmente tinham de lá saído ha pouco, e como não tivessem bebido quanto desejavam, quizeram ver se o sr. Pereira lhes dava com que acabassem de se embriagar; e porque este sr. não lhes fez a vontade, bateram-lhe. Não houve, segundo cremos, nada mais do que isto. Mas sempre será bom que os que arranjaram trancas seguras para as suas portas e carregaram os revolveres, continuem a conservar-se em guarda.

Prestigiador. — Acha-se n'esta cidade o sr. Fonseca, prestigiador portuguez, que se propõe dar hoje um espectáculo no theatro da rua do Rato, conforme vae anunciado no lugar competente.

O sr. Fonseca esteve no Porto ao mesmo tempo que ali se achava o sr. Herrmann, e nem por isso deixaram os nossos collegas d'aquella cidade de confessar que reconhecem muito merito nos seus trabalhos.

O sr. Fonseca esteve hontem no Club d'esta cidade, onde executou com muita perfeição algumas sortes de cartas e outras de empalmeação, que fizeram a admiração de quantos as presenciaram.

A qualidade de portuguez dá-lhe direito a esperar a portecção dos nossos patricios.

CORREIO

Continuou na camara dos dignos pares na sessão do dia 18 a interpellação do sr. Marquez de Vallada acerca da nomeação do escrivão da camara ecclesiastica de Coimbra, á qual começou a responder o sr. ministro das justicas na sessão de 16 e terminou o seu discurso n'este dia (18).

S. ex.^a disse pouco mais ou menos o que já

tinha dito na camara electiva, reproduzindo o argumento de maior força de que nenhuma lei o prohibia de fazer tal nomeação independente de informações do prelado ou mesmo de seu accordo com elle. Que havia de sustentar e fazer sustentar o despacho, e que o decreto que o annullasse nunca seria por elle ministro assignado.

Seguiu-se o sr. patriarcha que defendeu o prelado de Coimbra e sustentou o principio absoluto de que a nomeação para um tal emprego, que era todo de confiança, não podia ser feita senão pelo bispo ou de accordo com elle!! Isto lá nós parece de mais e não sabemos onde o sr. patriarcha foi achar esta disposição de lei.

Depois de s. em.^a tomou a palavra o sr. Moraes Carvalho defendendo calorosamente o sr. ministro das justicas, mas porque deu a hora, ficou com a palavra reservada para a sessão seguinte.

Esta discussão continuou na sessão do dia 19, em que o sr. Moraes Carvalho terminou o seu discurso.

S. ex.^a combateu energeticamente os argumentos do orador que o precedera, e mostrou-se mais uma vez que é homem de subida intelligencia, e verdadeiro liberal.

Seguiu-se-lhe o sr. conde de Thomar, que mais discursou em defeza do sr. patriarcha do que sobre o assumpto, e terminou pela seguinte moção de ordem:

«A camara tendo ouvido as explicações do sr. ministro acerca da nomeação do escrivão da camara ecclesiastica de Coimbra, manifesta o seu profundo respeito pelas prerogativas da corôa, lamenta o procedimento do governo, sente que elle desse occasião a este conflicto, e passa á ordem do dia.»

Devia continuar esta discussão na sessão do dia 21.

Na sessão do dia 17 continuou na camara dos srs. deputados a discussão sobre o tabaco, tomando a palavra o sr. Casal Ribeiro, que começou congratulando-se com toda a camara pela maneira placida e grave pela qual tem sido tractada esta importante questão, e dizendo que não seria elle quem a desviasse de tão bom caminho. Agradeceu ao sr. Guilhermino de Barros o modo delicado por que tractou a opposição, e a esperanza que tinha de em breve a ver unida á maioria de baixo do mesmo chefe; mas disse que a opposição se differenciava do partido historico em não ter chefe, nem o admittia, e que cada um concorria com as forças intellectuaes de que dispunha para a obra do evangelho, em que todos estão empenhados.

Entrando na questão, combateu os calculos do sr. ministro da fazenda apresentados no relatório que precede o projecto, combateu o systema que se queria adoptar e que impropriamente se chama da liberdade, porque não é de liberdade um systema, em que é prohibida absolutamente a cultura, e a fabricação só o não é em Lisboa e Porto e precedendo licença do governo, o direito sobre o genero manufacturado de maior consumo um direito prohibitivo, a venda da folha do tabaco prohibida, e a importação do genero em bruto só permitida aos proprietarios das fabricas. Disse que o preço do genero havia de augmentar, que o direito imposto ao manufacturado, e a peor fiscalisação havia de augmentar o contrabando e por isso diminuir o consumo legal e desfalecer muito a receita para o thesouro.

Muitas considerações apresentou s. ex.^a para mostrar o inconveniente de ter sido apresentado este projecto á ultima hora, e que se o tivera sido com a anticipação necessaria, desapareceriam muitos dos inconvenientes do mesmo projecto. Regeitou como execravel o actual systema, e pronunciou-se pela regie.

S. ex.^a continuou e terminou o seu discurso na sessão do dia 19, e por que acabou quando estava proxima a hora do encerramento da sessão, não começou a fallar o sr. ministro da fazenda, o que devia fazer hontem.

Consta que as camaras serão prorogadas até o dia 20 de maio.

Foi demittido de director das obras publicas do districto da Guarda o sr. Leiria, e consta que será substituido pelo de Castello Branco, que actualmente se acha em Lisboa.

Vae estabelecer-se em Lisboa uma companhia de descontos, seguros mutuos sobre a vida e contra risco de mar e fogo, com o capital de cinco mil contos de réis, divididos em 50:000 accções de 100\$000 réis cada una. Esta companhia denominar-se-á Universal.

Apresenta esta companhia na secção de seguros maritimos sobre a vida uma causa nova entre nós, e vem a ser que qualquer maritimo ou viajante que queira segurar a sua vida contra os riscos do mar por espaço de uma viagem, segura, e por um pequeno premio (no caso de sinistro) alcança um capital, com que pode garantir a subsistencia da sua familia ou de quem quizer.

No dia 17 do corrente entrou no Tejo uma fragata de guerra austriaca com um brigue dinamarchez mercante apresado. Isto deu logar a que pela meia noite se reunissem os ministros e se tomassem medidas preventivas que diferentes jornaes apreciaram de diverso modo. Transceveo do «Jornal do Commercio» o que sobre este assumpto diz:

«A proposito do navio dinamarchez apresado por uma fragata austriaca, que hontem entrou no Tejo rebocando a sua presa, tem-se espalhado boatos falsos e absurdos, e tem-se aventado opiniões ainda mais absurdas.

A verdade é a que consta da noticia que hontem demos, extraída da parte do registro de entrada dos navios.

Disse-se que os navios de guerra portugue-

zes tinham hoje tomado posições em frente de Belém, e até acrescentaram que havia marchado artilheria para esse mesmo ponto.

Opinava-se que o governo devia apressar-se da presa, para a entregar a quem de direito fosse, concluida a guerra, intimando o commandante da fragata para a entregar, visto que o navio estava livre desde que entrara no Tejo.

Os boatos são inteiramente falsos, e essas opiniões disparatadas.

O governo procedeu como devia, em face das leis applicaveis ao caso.

O sr. ministro da marinha ordenou que os officios e tripulações recolhessem a bordo dos seus respectivos navios, como medida de prevenção, não porque receiasse algum conflicto, ou para apoiar intimações peremptorias, mas para estar precavido, como deve sempre achar-se, para quaesquer eventualidades.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros officiou ao ministro d'Austria n'esta côrte, fazendo-lhe ver que as nossas leis não permitem que o navio apresador com a sua presa entrem n'este porto, e que, portanto, desse as suas ordens ao commandante da fragata, para que saísse a barra com a presa.

Este é o direito entre nós, direito consignado primeiramente no decreto de 20 de agosto de 1780, depois no de 3 de julho de 1802, e mais modernamente nos decretos de 5 de maio de 1854 e 25 de junho de 1859.

O principio geralmente seguido é permitir entrada nos portos neutros aos apresadores e suas presas; mas Portugal e a Suecia tem estabelecido a restricção a esse principio, não permitindo a entrada, para se manterem, quando neutras, na mais estrita imparcialidade.

Este systema, invariavelmente adoptado entre nós, foi agora mantido pelo governo, que sempre suscitou a sua observancia, quando houve guerras. Em 1780 houve a guerra entre a Inglaterra e a America; em 1803 a da França contra a Inglaterra e outra potencias; em 1854 a da Crimén; e em 1859 a da America do Norte contra a do Sul.

Portugal tem sido fiel a este systema que é o que mais lhe convem, como nação pequena.

Cada povo tem o direito de estabelecer a policia dos seus portos, e de prover ao que mais importa aos seus interesses, sem prejudicar os dos outros povos. Este principio, sancionado pelo direito internacional, é respeitado por todas as nações.

Segundo se deprehende das declarações do commandante da fragata, e do proprio capitão do navio apresado, a presa foi feita fóra da linha de respeito da costa de Portugal; portanto, o governo é indifferente a esse facto, só lhe resta não consentir que o apresador permaneça no porto, com a presa.

Ha excepções á prescripção estabelecida nas nossas leis, quando o apresador entrar nos nossos portos por força maior, ou acoessado pelo tempo, ou falta de mantimentos e aguada, ou com avaria que lhe não permita navegar ou fugindo ao inimigo. As leis da humanidade auctorizam e fundamentam estas excepções.

Por ultimo, é de crer que, não se dando nenhuma das excepções apontadas, a fragata austriaca e a sua presa amanhã saiam a barra, pois que o ministro d'Austria ha de reconhecer e acatar o direito do governo, fundado nas leis.

Um dos correspondentes do «Jornal do Porto» diz em data de 16 o seguinte e que nós muito desejamos se realize:

«Foi antes de hontem assignado o contracto entre o governo e o sr. Notman, da venda do caminho de ferro do Barreiro ás Vendas Novas.

O sr. Notman, informam-me, é um rico capitalista, e alem d'isso representa a companhia dos caminhos de ferro inglezes.

O sr. Notman compra o caminho por 224 mil libras. Ora tendo-o o governo comprado, se bem me recordo, por 945 contos, lucrou cerca de 40 contos.

O mesmo sr. Notman comprou ao sr. Price, o caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e a Beja.

Assignou-se tambem o contracto, com o mesmo sr. Notman, para a construcção do caminho de ferro de Beja a Faro, com a subvenção de 18 contos por kilometro.

Parece que o producto da venda do caminho do Barreiro ás Vendas Novas — servirá para a subvenção do caminho de Beja a Faro.

Foi ainda contractado com o mesmo individuo o ramal de Beja a Serpa e Moura até á fronteira a entroncar no caminho de Cadiz.

Todos estes contractos devem em poucos dias ser presentes ao parlamento.

Ainda o mesmo sr. Notman fez uma proposta ao ministro; para a construcção, sem subvenção, do caminho de ferro do Porto á Regoa.

Parece que o proponente e o ministro ficaram já de accordo, sendo as despesas, que se estão fazendo com os estudos, pagas metade pelo governo e outra metade pelo sr. Notman.

MOVIMENTO DA BARRA D'AVEIRO

Embarcações entradas em 17 de março de 1864
LISBOA — Hiate port. «Novo Atravido», m. M. Marquez 7 pes. de trip., fazendas da praça.
FIGUEIRA — Cahique port. «Senhora do Rozario», m. A. V. Fuzeta Junior, 10 pes. de trip., pescaria.

LISBOA — Bateira «Joven Amelia» m. S. Neto, 6 pes. de trip., vinho.

Em 18

PENICHE — Cahique port. «Perola do Vouga» m. J. Forte-homen, 6 pes. de trip., sardinha.
CEZIMBRA — Cahique port. «Senhora do Carmo», F. Lopes, 8 pes. de trip., dita.

ANNUNCIOS

DILIGENCIA

No dia 4 d'abril ha de haver diligencia para Coimbra a partir d'aqui ás 10 horas da manhã, isto além da carreira certa do dia 3. Os os bilhetes vendem-se na loja do sr. José dos Santos Gamellas.

ATTENÇÃO

João de Sousa Guimarães, e M. Galiano, da cidade do Porto, participam aos seus amigos e freguezes que na presente feira de Março abriram o seu armazem de modas no Rocio em casa da sr.^a Felicia, trazendo um bello sortimento do seguinte:

Chapeus de seda para senhora — ditos para campo — ditos para meninas e meninos — enfeites — paletots de glacé e panno — um variado sortimento de bordados — Lenços de seda — livros de missa com encadernações de madre-perola — de marfim — de tartaruga — de veludo — de changrin, etc. — leques — pentes dourados — pregos dourados — ditos para véos — pulseiras — luvas de pellica de todas as cores e qualidades — indispensaveis para senhoras e meninas — oculos de theatro, e de longa vista — guarda-chuvas de seda para homem — ditos de cores para senhora — balões — e muitos outros objectos de alta novidade, que tudo vendem por preços commodos.

ANTONIO DE SOUSA TAVARES negociante do Porto, avisa os seus freguezes, que desde o dia de S. José em diante abrirá n'esta cidade o seu estabelecimento de TAMANCOS, no Rocio, em casa do sr. José Maria de Magalhães: — Como tambem occupará no abarracamento da Feira de Março as lojas do costume nos mais annos — apresentando um grandissimo e variado sortimento d'este calçado, que venderá por modicos preços.

Pela direcção das obras publicas do districto d'Aveiro, se faz publico, que no dia 3 do proximo mez d'abril, se hade proceder em Albergaria Velha, na casa da secretaria da secção, pelas 11 horas da manhã, a arrematação dos materiaes precisos para a construcção da ponte do Caima em Valle Maior. As condições para o fornecimento dos referidos materiaes estarão patentes no acto da arrematação.

Aveiro 16 de março de 1864.

Silverio A. P. da Silva,

Engenheiro director.

Vende-se um bilhar em muito bom uso. Quem pertender compral-o falle n'esta redacção, que aqui se lhe dirá com quem deve para esse fim entender-se.

ESPECTACULO

THEATRO DOS ARTISTAS AVEIRENSES

Achando-se de passagem n'esta cidade o prestigiador Fonseca, e não podendo demorar-se, offerece ao respeitavel publico o primeiro e ultimo espectáculo de jogos de prestigiação, que terá logar hoje.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel.

Typ. do «Districto de Aveiro».

LARGO DE S. GONÇALLO